

MEU PRÓPRIO “PRIMEIRA PESSOA DO SINGULAR”



Aline Cruz
(CEDOCH-DL-USP, CAPES)

Em março de 1999, quando ingressei no curso de Letras da Universidade de São Paulo, apenas ouvira a palavra “Lingüística” – em novembro do mesmo ano, escolhia essa habilitação para prosseguir a faculdade (e a vida). Foram oito meses de deslumbramento: os textos de Saussure, Benveniste, Martinet, Tarallo, Chomsky provocaram o questionamento de minha concepção do mundo. Língua e linguagem passaram a significar muito mais que outrora.

Nesse contexto de descobertas, conheci a Profa. Dra. Cristina Altman, na época minha professora de Elementos de Lingüística, disciplina introdutória cursada por todos os alunos de Letras. A seu convite, comecei a frequentar as reuniões do Grupo de Estudos em Historiografia da Lingüística. Na época, o Grupo estava estudando a obra de Swiggers, *Histoire de la pensée linguistique*, o que me proporcionou uma nova descoberta: as reflexões sobre a linguagem não eram frutos somente do século XX, mas perpassavam toda a história da humanidade. Parece óbvio, mas para mim naquele momento, não era.

A terceira descoberta foi *A Estrutura das Revoluções Científicas* de Thomas Kuhn. Embora a proposta de Köerner sobre as ‘continuidades’ e ‘descontinuidades’ pareça mais adequada às Ciências da Linguagem, a de Kuhn está pre-

sente, mesmo que inconscientemente, em todos os meus textos e na minha própria maneira de me portar diante da instituição em que estudo. De certo modo, a Profa. Cristina me conquistou definitivamente por meio dessa leitura.

No ano seguinte, 2000, comecei a participar do projeto coletivo “Primeira Pessoa do Singular”, para o qual recebi bolsa de iniciação científica do CNPq por dois anos. O projeto consistia na realização de entrevistas com lingüistas renomados que haviam tratado da diversidade lingüística, o que envolvia o aprendizado de técnicas que me seriam úteis no trabalho acadêmico: levantamento bibliográfico, elaboração de resumos, resenhas, projetos, artigos etc.

Entrevistei, juntamente com a colega Olga Coelho, os Profs. Drs. Lucy Séki (Unicamp) e Ataliba Teixeira de Castilho (USP), cujo depoimento foi publicado em nosso Boletim anterior. A entrevista com a Profa. Dra. Séki, autora da *Gramática do Kamaiurá*, língua tupi do Alto Xingu, foi fundamental para minhas escolhas futuras. Pode-se dizer que fui contagiada pelo seu entusiasmo pela Lingüística Descritiva das línguas autóctones.

Agora, no Mestrado, esse deslumbramento transformou-se em um novo projeto: estou estudando os critérios de classificação das línguas indígenas brasileiras, a partir da obra *Glossaria Linguarum Brasiliensium* (1863), escrita pelo naturalista bávaro Karl Friedrich Philipp von Martius (1794 - 1868). A escolha pareceu-me deliciosa porque misturava Lingüística, História Natural e os povos indígenas deste país.

“Por que Historiografia da Lingüística?” Porque ela nos permite refletir sobre o homem, sua linguagem e sua maneira de descobrir e entender o mundo em que vive. Se a ciência fascina por si mesma; sua história me encanta ainda mais, porque permite desmistificá-la.